



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA-
PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

DAIANY COSTA BENTES
LUTHY DE PAULA VALENTE

**A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO PARA ALUNOS DO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS: SANTA TEREZINHA, EM
ABAETETUBA, E AYRTON SENNA DA SILVA, EM MUANÁ.**

ABAETETUBA-PA
2018

DAIANY COSTA BENTES
LUTHY DE PAULA VALENTE

**A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO PARA ALUNOS DO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS: SANTA TEREZINHA EM
ABAETETUBA E AYRTON SENNA DA SILVA EM MUANÁ.**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará\PARFOR, Campus Universitário do Baixo Tocantins, como requisito parcial de obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa).

Orientador: Prof. Me. Alex Santos Moreira.

ABAETETUBA-PA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B475i Bentes, Daiany Costa.
A importância do letramento literário para alunos do 9º ano do ensino fundamental nas escolas: : Santa Terezinha, em Abaetetuba, e Ayrton Senna da Silva, em Muaná / Daiany Costa Bentes, Luthy de Paula Valente . — 2018.
56 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Alex Santos Moreira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2018.

1. Letramento literário. 2. Práticas de leitura. 3. Ensino fundamental. I. Título.

CDD 370

DAIANY COSTA BENTES
LUTHY DE PAULA VALENTE

**A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO LITERÁRIO PARA ALUNOS DO 9º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS: SANTA TEREZINHA EM
ABAETETUBA E AYRTON SENNA DA SILVA EM MUANÁ.**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará\PARFOR, Campus Universitário do Baixo Tocantins, como requisito parcial de obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa).

BANCA EXAMINADORA:

1º _____ (Orientador)
Prof. Me. Alex Santos Moreira

2º _____ (Membro)
Prof./ UFPA

ABAETETUBA-PA
2018

Dedicamos este trabalho às nossas famílias e a todas as pessoas que nos apoiaram e contribuíram para a realização deste curso.

AGRADECIMENTOS

Eu, Daiany Costa Bentes agradeço, primeiramente, a Deus, por essa oportunidade em minha vida, conquistada com todo esforço e dedicação, também agradeço, a minha família, principalmente minha mãe e meus irmãos que não mediram esforços em me ajudar nos momentos mais difíceis. Ao meu esposo que sempre me apoiou na realização de meus sonhos, aos colegas que souberam me compreender e exerceram companheirismo, a minha madrinha, primeira pessoa a me impulsionar para este tema tão idealizador, e não deixando de ressaltar aos professores desta instituição, aqueles que estiveram sempre dispostos a ajudar, não só a mim, mas a todos os alunos, para que tivéssemos uma boa formação acadêmica. Muito obrigada a todos que contribuíram para minha formação profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Eu, Luthy de Paula Valente, agradeço primeiramente a Deus por ter oportunizado este momento em minha vida, e sei que sem Ele nada disso poderia ter acontecido e dado certo, a minha família, especialmente a meus pais, esposa e filhos que me fizeram perceber o quanto é importante o apoio incondicional em certos momentos da vida. Aos professores que dedicaram seu tempo para poder está repassando conhecimento, aos colegas de turma que contribuíram bastante no decorrer das atividades, enfim a todos que me apoiaram e me incentivaram para chegar ao final deste curso. Obrigado a todos que contribuíram para minha formação profissional e pessoal.

RESUMO

A partir da ideia de que a Literatura está frequentemente presente na vida de cada indivíduo, esta monografia tem como objetivo investigar o processo de Letramento Literário, destacando o ensino de Literatura, como também possibilitar estratégias de leitura para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental em duas escolas da educação básica, em diferentes municípios. O intuito da pesquisa é promover o letramento literário por meio da leitura e compreensão de textos literários, na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento pessoal dos alunos referentes à literatura, tornando-os leitores e atuantes no meio social em que vivem. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e as teorias de Cosson (2016), Candido (1988), Soares (2004), Bosi (2006), entre outros, encaminham e abordam conceitos e melhorias a respeito de leitura, letramento e literatura. Para completar as ideias, realizou-se uma pesquisa qualitativa para verificar a qualidade da leitura estética dos alunos por meio de uma sequência interventiva. Diante disso, os resultados revelaram que o letramento literário no Ensino fundamental ainda não se concretiza totalmente devido a fatores sociais, estruturais, políticos, metodologias de trabalho em sala de aula entre outros fatores ligados a realidade das escolas selecionadas para a aplicação da pesquisa, contudo acredita-se na potencialidade do ensino literário. Por fim, conclui-se que esse tipo de estudo, apesar das controvérsias da vida, pode contribuir significativamente para a relação literatura e sociedade, tornando leitores críticos e expressivos capazes de observarem o mundo como ele realmente apresenta ser.

Palavras-chave: Letramento Literário. Práticas de leitura. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

Based on the idea that literature is frequently present in the life of each individual, this monograph aims to investigate the process of literary literacy, highlighting literature teaching, as well as to enable reading strategies for students in the 9th grade in two basic education schools, in different municipalities. The aim of the research is to promote literary literacy texts, with a view to contributing to the students' personal development regarding literature, making them readers and actors in the social environment in which they live. The national curricular parameters (PCNs) and theories of Cosson (2016), Soares (2004), Candido (2000), Bosi (2006), among others, address and approach concepts and improvements regarding reading, literacy and literature. To complete the ideas, a qualitative research was carried out to verify the students, through an intervention sequence. In the face of this, the results revealed that literary literacy in elementary education has not yet fully materialized due to the distinct realities between the selected schools for the application, but the importance of literary teaching is still believed. Finally, it is concluded that this type of study, despite the controversies of life, can contribute significantly to the relationship literature and society, making readers critical and expressive readers able to observe the word as it actually presents itself.

Keywords: literary literacy. Practices of reading. Elementary schools.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. LETRAMENTO LITERÁRIO E PRÁTICAS DE LEITURA	13
2.1 LEITURA	13
2.2 LETRAMENTO LITERÁRIO	17
3 O LUGAR DO LETRAMENTO LITERÁRIO E ÍNDICES DE APAGAMENTO DA LITERATURA NA ESCOLA	24
4 PRÁTICAS DE LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO EM DUAS ESCOLAS DE NÍVEL FUNDAMENTAL MAIOR (9º ANO/9)	35
4.1 TIPO DE ESTUDO	35
4.2 O LÓCUS DA PESQUISA	35
4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS CAMPOS PESQUISADOS	35
4.4 OS ATORES DA PESQUISA	37
4.5 A COLETA DOS DADOS	37
4.6 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICA	37
4.7 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE POR ESCOLA	39
4.8 ANÁLISE DOS DADOS	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	

ANEXOS

INTRODUÇÃO

Esta monografia foi produzida com a intenção de compreender e valorizar o ensino da Literatura e está baseada em práticas que consideram o Letramento literário e que estimulem a leitura e a produção textual de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola de Abaetetuba e de Muaná, por meio de uma “sequência básica”, construída e aplicada por Rildo Cosson.

Atualmente, é notório o crescimento de modificações no que se refere às responsabilidades da escola para com a educação do aluno. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), “Cabe à escola promover a ampliação de forma que, progressivamente, durante os dois anos do Ensino Fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos, escritos ou orais, que circulam socialmente” (1997, p.21). É mais surpreendente ainda a preocupação da sociedade, em geral, quanto ao ensino da Literatura nos moldes atuais, com aulas regulares ao lado de outras disciplinas tidas como de maior importância no currículo do Ensino Médio, visto que, para muitos, ela seria apenas uma matéria do currículo meramente escolar, isto é, sem aplicabilidade na vida prática e de saber desnecessário. Noção essa preocupante, dada a importância do texto literário principalmente no Ensino Fundamental, fase de preparação para o Ensino Médio.

Também se observa, nas aulas de Literatura, a prioridade dada apenas a questões históricas e teóricas da disciplina, deixando-se de lado a análise literária propriamente dita, assim como seu processo de comunicação, de diálogo entre autor e leitor e de pensamentos críticos e reflexivos. Nessa perspectiva, o aluno é visto como mero receptor passivo e que só recebe os conhecimentos do professor, não como um construtor ativo e crítico de conhecimentos oriundos de leituras de mundo recebidas das relações de convívio em sociedade.

Portanto, percebemos que as metodologias aplicadas em sala de aula não estimulam os alunos a desenvolverem suas habilidades de leitura, de compreensão e de raciocínio, o que contribui para tornar cada vez mais inadequado o ensino da disciplina. Logo, a nossa problemática refere-se ao como está sendo ensinada a Literatura no Ensino Fundamental na escola básica. Está sendo valorizada? Por isso,

escolhemos denominar a proposta de Letramento Literário, por apresentar uma ideia de transformação para a educação literária que se oferece no ensino básico, mais especificamente no ensino fundamental maior.

Para enfrentar as situações destacadas, objetivamos, no geral, identificar estratégias de leitura usadas por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental maior em uma escola de Abaetetuba e em outra de Muaná. Espera-se, especificamente, promover a motivação pela leitura de textos literários, favorecendo, assim, o conhecimento de obras e de autores, em especial os regionais, além de propiciar, ao aluno, a interpretação das obras por meio da intertextualidade.

Sendo assim, o interesse pelo tema proposto parte da consideração de toda a problemática em torno do Ensino da Literatura na Educação Básica, especificamente no Ensino Fundamental. Para tanto, é válido mencionar estudos teóricos que mostrem a especificidade de cada elemento que forma o letramento literário e a importância da Literatura na escola e na sociedade. O estudo passa a ser importante também a partir do momento em que pretende evidenciar dados de práticas por meio de investigação proposta, que mostrem a realidade das aulas de Literatura, bem como os resultados que possam enfatizar a relação do leitor com o texto literário e com a realidade.

A escolha desse tema deve-se ao fato de estar diretamente ligado à área da educação e particularmente relacionado a estudantes de cursos de nível superior que já atuam como docentes, o que irá contribuir para o enriquecimento do desempenho profissional desses alunos professores.

Outro fator importante, socialmente, é a influência positiva que estudos como esses, que envolvem Literatura, transmitem para a sociedade, uma vez que o mundo literário está constantemente representado no cotidiano de cada indivíduo, tendo o poder de encantar e fascinar onde quer que se apresente.

Portanto, o presente projeto foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica baseada em estudos de autores que abordam este assunto, além de pesquisa de campo desenvolvida em duas escolas da educação básica, em diferentes municípios, sendo estas a Escola Municipal e Estadual Santa Terezinha, de Abaetetuba, e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Ayrton Senna da Silva, de Muaná. Vale ressaltar que

a aplicação interventiva foi desenvolvida a partir da proposta de “Sequência Básica” aplicada por Rildo Cosson (2016).

Esta monografia encontra-se desenvolvida em três seções. Na primeira, apresentam-se os conceitos e abordagens a respeito do Letramento Literário e a prática de leitura, presentes aqui como leitura e suas práticas, letramento e literatura, e que têm como bases teóricas Cosson (2016), Candido (1988), Soares (2004) e PCNs (1997), apenas para citar algumas. Na segunda, embasado por Cosson (2016,2017), Bosi (2006), Candido (2000), entre outros, destacam-se os conhecimentos referentes a possíveis lugares do letramento literário, incluindo-se nessa concepção o apagamento da Literatura na escola e na sociedade. Na terceira e última seção, refere-se à abordagem das práticas de leitura nas escolas citadas acima, descrevendo-se as metodologias da aplicação interventiva relacionada à pesquisa de campo, citando também os resultados finais da prática aplicada.

Enfim, buscou-se com este estudo contribuir para a mudança futura no meio educacional, oferecendo-se formas de aprimoramento das práticas de leitura literária, a fim de tornar as metodologias mais dinâmicas e mais contextualizadas.

2- LETRAMENTO LITERÁRIO E PRÁTICAS DE LEITURA

2-1 LEITURA

A leitura é cada vez mais essencial na vida de qualquer pessoa, pois proporciona uma interação social cada vez maior com o mundo globalizado no qual fazemos parte, mundo esse que, apesar de ter se tornado pequeno aos olhos da tecnologia é tão diferenciado do ponto de vista social. E dentro desse contexto de desigualdade, o papel desempenhado pela leitura ganha espaço de destaque, visto que é um meio de aproximar pessoas que muitas vezes são próximas geograficamente, mas que socialmente fazem parte de mundos distintos. Para Luiz Carlos Cagliari (2009, p. 130) “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola”.

Por isso, devemos sempre nos questionar a respeito das funções que a leitura desempenha no processo de formação de conhecimento das pessoas, e como essa leitura passa a agir na vida de cada uma delas, sendo que o pensar e o agir acontecem de formas diferentes. Assim, a leitura proporciona para qualquer pessoa um ideal de liberdade, de aproximação com as diversas áreas do saber e também com as diversas realidades do meio social, mesmo que tais pessoas façam parte de grupos sociais diferentes. Desse modo, a leitura está a serviço de todos, embora seu uso deva se adequar as diversas situações de comunicação.

É importante ressaltar que a leitura não é única e exclusivamente uma função desenvolvida no ambiente escolar, como se costuma atribuir, ela está ainda para além do ambiente da escola. Porém, nos dias atuais, a escola desempenha um papel fundamental na formação de qualquer indivíduo, sendo muitas vezes o primeiro contato dele com diferentes tipos de texto, que estão fora do contexto social.

Contudo, no que diz respeito à leitura que se ensina nas escolas, é importante saber como se dá esse processo, uma vez que, inserido em um ambiente escolar, o aluno estará sujeito a um modelo de ensino e, dependendo desse modelo, o que ele aprende é compreendido de formas diferentes.

A escola tem o dever de formar cidadãos, e para tanto o trabalho com a leitura é fundamental, na medida em que amplia a visão de mundo a ser vivenciada pelo educando em sua formação, para que esses, independentemente dos vários contextos sociais de atuação, possam fazer o devido uso de suas leituras.

Segundo Rildo Cosson:

A leitura é, assim, um processo de compartilhamento, uma competência social. Daí que uma das principais funções da escola seja justamente constituir-se como um espaço onde aprendemos a partilhar, a compartilhar e a processar a leitura (COSSON, 2017, p. 37).

Cabe à escola formar leitores competentes, que possam ser capazes de fazer uso social do que aprenderam. A escola, ao cumprir com seu dever de formar tais leitores, possibilita a eles fazer uso dos diversos gêneros textuais que circulam no meio social. Não se quer, porém, dizer com isso que o aluno tenha que dominar todas as modalidades textuais, mas que pelo menos saiba fazer a devida diferença entre esses textos, saber o meio de circulação deles e sua função social enquanto texto. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a formação de um leitor competente implica formar alguém que saiba o que está lendo, que saiba diferenciar os gêneros textuais com os quais entra em contato, não apenas decodificar as palavras que formam um texto, como se isso fosse o objetivo do ato de ler. Ao contrário, o leitor deve criar uma relação de diálogo com o texto.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, indicando elementos implícitos; que estabeleça relação entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto [...] (PCNs, 1997, p. 54).

Para formar leitores capacitados a fazer o uso adequado do que lê é necessário que se tenha o cuidado de escolher o material com o qual será desenvolvida a atividade prática de leitura. Isso implica também um olhar atento para a realidade que cerca o leitor, mostrando para este que o seu conhecimento é relevante para que compreenda a leitura praticada dentro e fora do ambiente escolar.

Sendo assim, o leitor competente será sempre aquele que compreende o que está lendo e com isso ganhando múltiplas reflexões para uso nos contextos sociais.

Quando se fala em práticas de leitura é comum se pensar na escola como único espaço em que o aluno deva praticar a leitura com maior frequência, ou até mesmo o único local que ele tenha que praticar a leitura no seu dia a dia, como se esse fosse o único espaço para desenvolver a leitura, se o aluno for levado a pensar dessa forma é claro que ele vai restringir a leitura ao ambiente escolar e certamente irá resumir suas leituras às atividades exigidas pelo professor. As atividades desenvolvidas em nossas escolas, no entanto, estão quase sempre restritas ao uso do livro didático como principal instrumento para as atividades de leitura, sendo, portanto, único recurso usado por muitos professores, o que torna essa atividade insuficiente no que se refere ao padrão de variedade textual e ao imenso inventário de tipos de textos e obras escritas que poderiam ser arroladas pelo docente no seu trabalho enquanto mediador entre seus alunos e o mundo da escrita. As atividades de prática de leitura no livro didático firmam-se para Angela Kleiman (2004 apud BARBOSA, 2006, p. 17),

[...] em uma concepção da atividade como a equivalente à atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno [...] Essa atividade passa por leitura, quando a verificação da compreensão, também chamada, no livro didático, de “interpretação”, exige apenas que o aluno responda perguntas sobre informação que está expressa no texto.

A prática de leitura deve ser tida sempre como um processo constante e permanente para possibilitar a formação de leitores ativos. E sendo a leitura, nos dias atuais, algo tão importante para a compreensão de mundo, a escola precisa se adequar a que tipo de leitura deverá proporcionar para o aluno, para que este não tenha somente a obrigação de cumprir com seu dever de aprender a ler no ambiente escolar, mas também que a escola possa estar aberta para se renovar a cada dia no que se refere ao ensino da leitura e ao uso de estratégias que possam auxiliar o aluno no ato de ler.

Entretanto, cabe ressaltar que a formação do leitor é uma tarefa árdua que requer do professor um trabalho cuidadoso na escolha dos textos e na organização de todo o material que será usado na atividade prática de leitura. No decorrer do processo de formação do leitor sempre será necessário o acompanhamento do professor como

mediador de leitura e assim o aluno perceberá que toda atividade não será uma mera tarefa de leitura com o intuito de apenas prendê-lo na sala de aula.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leituras eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas cotidianos. É preciso, portanto, oferece-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas por que o professor pede. Eis primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática da leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formaram leitores competentes (PCNs, 1997, p. 55).

Nesse processo, segundo Emerson Pietri (2007, p. 53) “A mediação do professor é fundamental, portanto, para a formação do leitor proficiente”. Assim, o professor, como mediador da prática de leitura no ambiente escolar, é indispensável para que o leitor, em sua formação, seja capaz de compreender o que lê, haja vista que nunca uma leitura surgirá do nada, e isso tem que ser esclarecido para o aluno, para que este não pense que ler é um ato isolado. Como afirma João Wanderley Geraldi (2006, p. 91), “[...] a leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto”.

Nesse sentido, é necessário demonstrar para o aluno esse processo de interação que há entre leitor, autor e texto, para que o mesmo possa compreender os sentidos de interação no âmbito da leitura, sendo que para que esta aconteça não será necessariamente preciso a presença física de outros leitores, basta apenas o envolvimento do leitor com o texto. Porém, no compartilhamento das ideias, torna-se necessária a presença de outros leitores, para que o que foi retido com a prática da leitura possa ser explorado no campo discursivo da linguagem, e neste momento torna-se necessária a presença de outros leitores. Sendo assim, para que a leitura cumpra seu papel de interação, precisamos transformar os rumos da escola, conforme veremos no próximo capítulo, favorecendo o letramento literário.

2.2- LETRAMENTO LITERÁRIO

Diante da perspectiva abordada sobre a leitura, vale ressaltar as indagações acerca do letramento, visto que é um processo essencial e construtivo no uso da leitura e da escrita. Atualmente, o ato de ler e escrever tem relevância significativa na vida das pessoas, uma vez que esse é um dos processos de interação numa sociedade letrada. Para isso, é viável o domínio da leitura e da escrita nos eventos sociais, bem como o conhecimento verdadeiro dos conceitos de letramento, tanto para professores como para autoridades governamentais, agentes essenciais na formação de leitores.

Como propõe Magda Soares (2004), são processos de ensino diferenciados, que não podem acontecer, porém, separadamente, uma vez que são interdependentes. E para concretizar essa discussão, vale destacar a realidade de muitos alunos (crianças, jovens e adultos) em processo de alfabetização, que admitem conhecer as letras do alfabeto, mas que não sabem juntá-las, o que as impede de realizar a leitura propriamente dita. No entanto, esses alunos admitem o contato, mesmo que indiretamente, com as práticas, envolvendo o processo da escrita e fazendo-nos observar a associação entre a alfabetização e o letramento. O que nos leva a concluir que muitas pessoas até se mantêm em meio a práticas de leituras e de escrita, dominam o sistema alfabético, mas não têm autonomia para ler e escrever textos que circulam na sociedade, pessoas assim são apenas analfabetos funcionais. Segundo os resultados do Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF) de 2011 retratam que “27% da população são analfabetos funcionais - o que representa um contingente de mais de 35 milhões”.

Dessa forma, Magda Soares (2004) vem nos mostrar as possibilidades de definições acerca do letramento:

É esse, pois, o sentido que tem **letramento**, a palavra que criamos traduzindo “ao pé da letra”, o inglês *literacy*: **letra**-do latim *littera*, e o sufixo-**mente**, que denota o resultado de uma ação [...]. **Letramento** é, pois, o resultado da ação de ensinar e aprender a ler e a escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita (SOARES, 2004, p.18 [grifo do autor]).

A partir do significado da palavra letramento, sugerida anteriormente, vale ressaltar, para a melhor compreensão do surgimento dela, que sendo uma palavra nova no meio linguístico, ela deriva de outro processo, a alfabetização. Para Magda Soares (2004), as “palavras novas aparecem quando novas ideias ou novos fenômenos surgem”. Assim, o letramento surge a partir da existência da nova realidade que se nos apresenta, e o aumento do analfabetismo (pessoas que não sabem ler e escrever), embora esse seja um problema que já vem aparecendo desde a colonização do Brasil, ainda perdura teimosamente nos dias de hoje, daí a necessidade ainda vigente de se enfrentar essa questão fundamental para sanar esse estigma tão caro a uma sociedade que se pretende letrada. E à medida que se vai superando esse analfabetismo, vai se formando um novo fenômeno, o letramento. Como afirma a autora:

[...] Esse fenômeno só ganha visibilidade depois que é minimamente resolvido o problema do analfabetismo [...]. Aflorando o novo fenômeno, foi preciso dar um nome a ele: quando uma nova palavra surge na língua, é que um novo fenômeno surgiu e teve de ser nomeado. Por isso, para nomear esse novo fenômeno, surgiu a palavra letramento (Soares, 2004, p.46).

No que concerne à relação entre alfabetização e letramento, a mesma autora já mencionada enfatiza, em um artigo intitulado “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”, em que discute sobre seu texto anterior e intitulado “As muitas facetas da alfabetização”, a reformulação de suas próprias ideias, quando realiza um contraponto por meio de conceitos e problemas a respeito do letramento e da alfabetização. Como o próprio título já menciona, esse processo apresenta diversas faces de conhecimentos. Ela retrata que “Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco” (p.14), uma vez que à medida que muitos profissionais aderem a esse processo, acabam perdendo “a especificidade do processo de alfabetização” (p.08), tornando um fracasso o ensino da língua escrita no âmbito escolar brasileiro. Além disso, a autora observa que a essência e a efetividade da escrita só ocorrerão com a utilização simultânea desses dois processos, isto é, com um complementando o outro.

Dessa forma, entende-se que os métodos de alfabetização deveriam levar em conta o ensino do ler e escrever no contexto das práticas sociais, gerando, assim, pessoas críticas e reflexivas, formando indivíduos alfabetizados e letrados. Paralelamente a esse assunto, Brian Street (1984 apud Jung, 2007, p.84) concebe o

letramento como um “modelo autônomo de letramento”, no qual levanta a hipótese de que o aprendizado da escrita se dá de forma individual, mas seguido de grupos sociais, isto é, o fracasso do indivíduo na escrita é representado pelo seu grupo social, geralmente marginalizado. Sobre essa questão, Maria Jung (2007) ressalta uma pesquisa realizada por Heath (1982,1983), retratando que:

[...] em certas classes sociais, as crianças são letradas por possuírem estratégias orais letradas. Tais estratégias são desenvolvidas antes mesmo de as crianças serem alfabetizadas, a partir do relato de histórias pelas mães. Disso resultam padrões diferentes de adaptação da criança no início de sua vida escolar (Jung, 2007, p.86).

Nessa perspectiva, a autora também ressalta as contribuições dos autores (Gumperz,1986; Erickson, 1987):

a escola é apenas um domínio social, no qual os alunos e professores desempenham papéis sociais que exigem determinado letramento [...] as crianças mais lentas ou que têm dificuldades para aprender tais formas de participação social muitas vezes são vistas e marcadas na escola como crianças com dificuldade de aprendizagem [...] (JUNG, 2007, p.88).

Tudo isso nos mostra o quanto é importante valorizar culturalmente os conhecimentos prévios dos alunos, a fim de contribuir e multiplicar as práticas e atividades de letramento. Pensando nessa perspectiva, seria essencial a implementação de práticas por meio de textos narrativos regionais, uma vez que eles contribuem culturalmente para a formação do leitor e para a presença no mundo do letramento, como nos diz Tereza Colomer (2007, p.54.): “[...] Essa consciência se desenvolverá até o reconhecimento das histórias como um modo de comunicação, um técnica aceita socialmente para falar o mundo real ou para imaginar mundos possíveis”

Outro aspecto importante para a formação do leitor é a Literatura propriamente dita, conteúdo de suma importância para o ensino das línguas maternas, mas que nem sempre é devidamente valorizada pelas pessoas protagonistas na formação de leitores.

A Literatura deve ser entendida como forma de promover a leitura por prazer, por comunicação, por identidade, por divertimento e tantas outras maneiras que influenciam na realidade humana, isto é, a Literatura favorece estar dentro das diferentes esferas: cultural, social, ideológica, histórica e política como mostram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

Pensar sobre literatura a partir dessa autonomia relativa ante o real implica dizer que se está diante de um inusitado tipo de diálogo regido por jogos de aproximação e afastamentos, em que as invenções de linguagem, as expressões das subjetividades, o trânsito das sensações, os mecanismos ficcionais podem estar misturados a procedimentos nacionalizantes, referências radicais, citações do cotidiano do mundo dos homens (PCN, 2007, p.37).

Atualmente, o que observamos, mesmo em nossas escolas, é o grande descaso pela leitura e pela utilização de livros, principalmente literários, tendência essa que infelizmente perdura até os mais avançados níveis de ensino. Acreditamos que isso se dá devido à ausência do uso adequado dos conhecimentos literários, o que é agravado pelas precárias metodologias de ensino da leitura literária em sala de aula. É desta maneira que Antonio Candido (1988), no ensaio “O direito à literatura”, aborda esse tema, enfatizando tais direitos e possibilitando oportunidades literárias à sociedade. “Pelo que sabemos, quando há um esforço real de igualitarização há aumento sensível do hábito de leitura e, portanto, difusão crescente das obras [...]” (1988, p. 187).

Entretanto, antes de abordarmos as considerações de Cândido, é relevante destacar o conceito de Literatura. Devido aos diversos conhecimentos dos textos literários, o conceito de Literatura se torna bastante abrangente. No entanto, destaca-se, neste estudo, o conceito histórico mencionado por Manuel Antônio de Castro², o de que “literatura formou-se da palavra latina *littera*, letra ou caráter da escritura, de acordo com um sucedâneo existente também na língua grega. Assim, Literatura pode ser entendida como a arte que concerne às letras, arte de escrever e ler”. (Castro, 1984, p. 33). Mariza Lajolo (1995), por sua vez, argumenta a respeito do conceito de Literatura que “A resposta é simples. Tudo isso é, não é e pode ser que seja literatura. Depende do ponto de vista, do sentido que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura”. (Lajolo, 1995, p.15). Contudo, a Literatura não pode se restringir apenas ao texto escrito, pois mais do que isso, ela com certeza representa culturalmente um grupo social, pois Literatura, em sentido *stricto sensu*, é cultura, ensino, conhecimento, fantasia e tantos outros elementos culturais que podem largamente ser utilizados pelo professor em seu trabalho com a leitura e a escrita.

O termo Literatura, também, é representado por meio de seu objeto de estudo, isto é, as obras, que na maioria das vezes são classificadas como de cunho estético

e/ou ficcionais. Ler uma obra literária, como o conto “Acauã”, de Inglês de Souza, é se debruçar na fantasia, no imaginário popular misturado ao real, ou seja, é se deparar com a cultura de um povo, com o seu momento histórico, entre outros elementos inerentes à trajetória desse povo ali retratados. É como o professor João Alexandre Barbosa comenta em determinado seminário de linguagem, ao afirmar que “a literatura nunca é apenas literatura; o que lemos como literatura é sempre mais [...]. Há sempre mais que literatura na literatura”. (BARBOSA, 1994, p. 23).

É em razão disso, que voltamos a Antonio Candido (1988), o qual vem nos apresentar uma abordagem histórica e atual a respeito dos direitos que devemos ter em mente quando tratamos com a Literatura. Realmente, antes de deixarmos bem explícita a questão proposta, Cândido aborda com precisão os direitos humanos entrelaçados à Literatura, isto é, como o entendimento da Literatura acontece por meio da realização e concretização dos direitos humanos, propondo também reflexões a respeito desses próprios direitos, admitindo que “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (CÂNDIDO, 1988, p. 172). Nessa questão, ele traz à tona uma comparação dos direitos humanos essenciais (alimentação, moradia, saúde, etc.) com a arte e a Literatura.

A partir dessa contribuição, o autor multiplica essa abordagem, argumentando a respeito da importância da Literatura, incluindo-se aí as obras literárias. Desse modo, acreditamos que a obra literária não é apenas uma espécie de conhecimento, de acordo com o que o próprio autor declara neste trecho:

[...] Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo (CÂNDIDO, 1988, p. 177).

É interessante ressaltar o pensamento do autor referente às obras literárias que abordam a defesa aos direitos humanos (incluindo o povo discriminado e marginalizado).

Para finalizar seu pensamento, o autor acrescenta soluções para que a Literatura deixe de ser uma arte pertencente apenas a poucos. Refere-se ele à igualdade entre povos, visto que, se realmente houver a valorização e a igualdade no ato de se

socializar a produção literária, haverá também a multiplicação e o incentivo ao hábito da leitura e, conseqüentemente, o crescimento da produção de obras literárias.

Quanto mais a Literatura proporciona oportunidade de relaxamento e tranquilidade social ao indivíduo, tanto mais vai ser a propagação das obras literárias e, por conseguinte, o melhor amadurecimento do ser humano em relação ao mundo. Diante disso, uma frase chamou-nos a atenção a esse respeito: “o principal obstáculo pode ser a falta de oportunidade, não a incapacidade” (1988, p. 188). Enfim, acredita-se que a Literatura é essencial para a humanidade, pelo seu papel enquanto arte subjetiva e humanizadora:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas, que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas [...] (COSSON, 2016, p.17).

Assim, é fundamentado nesse parecer que se oportuniza o domínio do letramento literário, valorizando a Literatura como essa fonte realmente humanizadora.

Atualmente, no Brasil, já está explícita a definição de letramento, retratada por Soares (2004) como “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita e a leitura”. Unindo-se a isso está o fato de a Literatura, como instrumento de apropriação da vivência humanizadora, ser o espelho da humanidade, da cultura, dos sentimentos e da realidade. Outro a contribuir com esse pensamento e apresentar de acréscimo mais um aspecto inerente à Literatura é Rildo Cosson (2016, p.17), ao afirmar que “no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos [...]”.

Diante das afirmações apresentadas, definimos, portanto, o termo letramento literário como a apropriação da Literatura e de seus recursos para o ensino da leitura e da escrita. E entre outros teóricos brasileiros que se debruçam sobre o tema do letramento literário, destacam-se as considerações do professor e pesquisador Rildo Cosson (2016), que tratam especificamente de um estudo teórico e metodológico no ensino da leitura literária na escola básica, destacando uma proposta inovadora no meio educacional, o letramento literário, e ainda amplia que:

[...] ao tornar o letramento literário como processo, estamos tratando de um fenômeno dinâmico, que não se encerra em um saber ou prática delimitada a um momento específico. Por ser apropriação, permite que seja individualizado ao mesmo tempo em que demanda interação social, pois só podemos tornar próprio o que nos é alheio. [...] (COSSON, 2017, p.24).

As discussões sobre o letramento literário neste trabalho baseiam-se no estudo de Cosson, e deste modo o autor contribui questionando como se dá a forma de leitura dos textos literários, frisando que muitas das leituras são feitas apenas para o exercício de ler, e é nesse caso que o letramento literário pretende colaborar, criando a noção de ler não apenas por ler e sim para entender, vivenciar e compartilhar, como é confirmada pela citação do autor “[...] Se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda força humanizadora da literatura, não basta apenas ler” (COSSON, 2016, p.29).

Ainda enfatiza Cosson a necessidade de esclarecer a concepção do processo de leitura, em meio a qual coloca as três etapas: antecipação (texto), decifração (leitor) e interpretação (interação). Esse processo objetiva entender com clareza o aprendizado de cada aluno, para assim acontecer de fato a leitura, segundo a proposta de letramento literário. A partir daí, presenteia-nos com duas sequências: a básica e a expandida. Vale ressaltar, para efeito deste estudo, a sequência básica constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Em síntese, em nosso ponto de vista, o letramento literário é um novo empreendimento educacional, que abrange uma carga positiva para solucionar os problemas de alfabetização e letramento enfrentados, hoje, na educação, principalmente no que envolve leitura e escrita, bem como a inclusão da leitura escolarizada. Sendo a Literatura como fonte social, precisamos compreender e conhecer o seu lugar no mundo, longe de achar que ela está em lugar nenhum e sim aproximá-la em todos os cantos. Dessa forma, mais adiante abordaremos a importância da Literatura no mundo.

3- O LUGAR DO LETRAMENTO LITERÁRIO E ÍNDICES DE APAGAMENTO DA LITERATURA NA ESCOLA.

Muito se discute a respeito de leitura e Literatura no Brasil e muitas são as ideias e possibilidades construídas para a efetivação de resultados positivos para esses ensinamentos. Por esse motivo, criado recentemente, foi mencionado no mundo da leitura literária o processo de letramento literário, um dos tipos de letramentos que se utiliza de textos literários para o efetivo domínio da aquisição social da escrita e, mais especificamente falando, de escolarização da Literatura. No entanto, quando questionamos e refletimos sobre tudo que envolve leitura e Literatura sabemos realmente o que objetivamos. Ficam os questionamentos: qual a importância do letramento literário na sociedade? Letramento literário para quê? Qual é o seu lugar?

Ao mencionar letramento literário, indagamos a Literatura e refletimos sobre ela. Por essa questão, é que abordaremos, simplificadamente, um questionamento essencial para o esclarecimento da Literatura, não exatamente tudo que a envolve, pois o mundo dela é gigantesco, apenas, porém, o mais relevante a esse estudo, como forma de expandir sua essência humanizadora a todo lugar. Dessa forma, como retratar Literatura e não nos lembrar de arte e sociedade?

Para a compreensão da Literatura, como arte em geral, é necessário abordar algumas observações. A Literatura só é arte porque apresenta espontaneamente em si uma alta característica de representar a cultura, a ideologia e a vida social de um povo. A funcionalidade dela, em termos de cultura, está presente nos estímulos humanos, aqueles que nos impulsionam a transformar a sociedade, como aborda Rogel Samuel (1984, p. 11): “o discurso literário, toda grande arte, é ação política”. Também a ideologia faz parte desse grupo, como organizadora de pensamentos que cercam o perfil social, tendo grande contribuição nestes temas sociais, a favor ou contra, que a Literatura aborda.

Chegando ao foco desse questionamento, trataremos da vida social, especialmente de Literatura e sociedade, uma vez que, por se tratar de sociedade, estamos nos referindo à realidade como “qualidade ou estado do que é real ou verdadeira”, segundo o dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. Ela está

subordinada às relações sociais e, estando a Literatura de posse das manifestações culturais, dos pensamentos e dos sentidos da sociedade, isso significaria a imanência da Literatura na realidade. Contudo, uma Literatura como ficção (criação imaginosa, fantástica) que “transpõe essa imanência, criando outra realidade possível para opor a realidade concreta” (SAMUEL, 1984, p.14). Dessa maneira, chega-se ao acordo de que a Literatura, para muitos, é pensada como “coisa da imaginação”, apresentando, porém, com esse jeito fictício, a mais pura verdade do que a realidade cotidiana. Quando essa realidade concreta parece-nos inusitada é sinal de libertação. É dessa forma que está a concretude da relação entre Literatura e sociedade.

Toda essa questão torna-se visível na obra “Literatura e Sociedade”, de Antônio Cândido, que, auxiliado pela Sociologia, dá destaque à capacidade que tem o meio social de reagir com a arte, bem como a influência da arte no meio social. Ponto esse que vem sendo trabalhado há algum tempo, como nos informa o autor: “No que toca mais particularmente à literatura, isto se esboçou no século XVIII, quando filósofos como Vico sentiram a sua correlação com as civilizações, Voltaire, com as instituições, Herder, com os povos” (CANDIDO, 2000, p.19). Ainda pressupõe quatro elementos de produção, que sintetizam a influência da obra no meio social, sendo eles: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orientado segundo os padrões de sua época; b) escolhe certos temas; c) usam certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio” (Ibidem, idem, idem). Em meio a toda essa questão, dá-se a concluir que a Literatura, como arte literária, estabelece sempre uma relação de retribuição com a sociedade, o que configura um “[...] sistema solidário de influências recíprocas”. (CANDIDO, 2000, p.24).

Reconhecendo as relações entre arte e sociedade e sua importância neste meio educacional e para a própria sociedade, traçaremos com mais exatidão os caminhos percorridos futuramente, baseados nos estudos do professor e pesquisador Rildo Cosson (2016) em “Letramento Literário: teoria e prática”.

Sendo assim, uma das grandes dúvidas de nossa sociedade referente à leitura literária é, certamente, o uso da linguagem, uma vez que, ausente em nossa vida, nos tornaríamos incapazes de exercitar vários dos desafios que nossa sociedade nos propõe, sendo um deles a comunicação, especificada aqui, nesse sentido, da maneira

como retrata Cosson “[...] quanto mais eu uso a língua, maior é meu corpo linguagem e, por extensão, maior é o meu mundo” (2016, p.16). As palavras advêm do diálogo entre um e outro indivíduo, e das possibilidades de comunicação. Assim, numa sociedade letrada, a importância de se utilizar a linguagem por meio das palavras é visível e essencial, ficando em destaque a escrita. É ela que organiza nossos pensamentos e nossos saberes, no intuito de fluir nossas limitações impostas pelo tempo e pelo espaço de uma sociedade. Desse modo, observamos a plenitude das relações mútuas entre estes três corpos, como diz Cosson (2016), “o corpo linguagem, o corpo palavra e o corpo escrita”, que no final se agrupam para representar a Literatura:

Em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos. (COSSON, 2016, p.16).

E como já mencionado nos estudos de Cândido, Cosson (2016, p.16) também destaca que “[...] literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo [...]”. Essa frase nos descreve a significância da Literatura na identidade de cada um e o que ela pode nos proporcionar em termos de saberes e sobrevivência social. Outro enunciado que nos direciona a esse assunto apresentado por Cosson (2016, p.17) é “A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. [...], ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade”.

A Literatura, por ser um instrumento imprescindível para a sociedade em geral, é que deveria ser encontrada em todo lugar, tanto na escola (lugar adequado à formação literária) quanto fora dela, isso sem falarmos que deveria ainda figurar tanto em livros quanto em espaços diversificados, como no caso dos meios eletrônicos. No entanto, não é bem o que acontece, como demonstram muitos defensores do ensino da Literatura. Cosson (2017, p.23), a esse respeito, ajuda-nos a entender que “[...] a literatura é essencialmente um, como um livro ou um filme, um arquivo ou uma fala, um jogo narrativo ou um modo de viver [...]”.

De acordo com esse mesmo pensamento, Even-Zohar (1990 apud COSSON, 2017, p. 23) nos descreve outras formas de ver a existência da Literatura, definindo-a como “cultura-como-bem” e “cultura-como-instrumento”, sendo então a primeira apresentada como um produto valioso e histórico, que deve ser cultivado e preservado,

enquanto a segunda apresenta-se como algo que deve ser planejado e executado adequadamente, possibilitando práticas de leitura e apropriação do literário. Esses conhecimentos só vêm nos mostrar o que já ouvimos, lemos e mencionamos tantas vezes: que a Literatura é humanizadora e libertadora. E é exatamente por essa força literária que ela torna-se desejável nas comunidades humanas, embora não esteja presente em todo lugar (COSSON, 2017, p. 25). E, para concluir, nós nos deparamos com um trecho de Graça Paulino (2011 apud COSSON, 2017, p. 20) que nos orientou e nos conscientizou a respeito da importância da Literatura:

Quem souber onde está a verdadeira literatura, por favor, avise a nós, jogadores por preferência e profissão. Aliás, avise não. Queremos continuar como poeta, numa estrada de minas pedregosas, seguindo vagaroso de mãos pensas, desdenhando colher a coisa ofertada.

Definitivamente, chegamos à conclusão de que a Literatura possui esse toque especial em meio à humanidade e que por isso necessita ser incluída adequadamente na sociedade, ganhando, assim, um lugar exclusivo na escola. Desse modo, precisamos repensar os caminhos percorridos pela escola, favorecendo, dessa forma, o letramento literário.

Como mencionamos a necessidade da Literatura para a sociedade, e vice-versa, é de suma importância para qualquer estudo nesta proporção, uma vez que a escola está imbricada na sociedade e a Literatura está ligada, preferencialmente, à escola. Mas antes de penetrarmos completamente nesse assunto, abordaremos brevemente a historicidade da Literatura.

Segundo Antonio Candido (2000), além de outros pesquisadores como Alfredo Bosi (2006), o estudo da Literatura desenvolveu-se desde os três primeiros séculos da vida brasileira, iniciando-se por volta do século XVIII, ainda na época da colonização, enfocando o nosso nacionalismo e fazendo uma descrição da realidade das terras e dos nossos elementos valiosos (a natureza e o índio), como detalha Bosi (2006, p. 13):

[...] a pré-história das nossas letras interessa como refluxo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país. É graça a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte.

Ainda antes da releitura ufanista empreendida pelo nosso Romantismo e que abordava a nossa fauna e flora de modo idealizado, construindo, assim, uma espécie de éden no qual iria figurar o indígena valoroso e verdadeiro herói nacional, já havia a produção informativa de viajantes e missionários, que estiveram aqui a mando do governo português e que relataram em prosas e poemas a vida brasileira. Textos meramente de informação que não são necessariamente literários, mas se apresentam como essenciais para iniciar nossos primeiros escritos, em destaque “A Carta de Pero Vaz de Caminha e As Cartas dos missionários Jesuítas”. Muitos, como Joaquim Norberto, chegaram a imaginar que essa seria uma Literatura autenticamente brasileira. Contudo, essa Literatura ainda incipiente prosseguiria com esta mesma concepção, até a chegada do período romântico e sua abordagem das questões nacionalistas.

Valem ressaltar, também, os padrões estéticos da época de transição conhecida como Barroco e que foram decisivos para esse momento. Época do chamado dualismo literário, do cultismo e do conceptismo de importação. Contudo, o que se quer frisar aqui é o que tal estética nos trouxe de identidade nacional, como é o caso da pouco conhecida literatura nativista de Gregório de Matos Guerra, e que é, para muitos, o nosso primeiro poeta verdadeiramente brasileiro.

No entanto, para outros estudiosos da nossa História literária, ainda seria preciso chegar ao século XIX para então surgirem os primeiros escritores verdadeiramente brasileiros, como Manuel Botelho de Oliveira, conforme nos cita Cândido (2000, p.89-93). Daí temos as chamadas escolas literárias, tal qual nos as conhecemos hoje, com suas características, obras e autores respectivos.

Retornando ao assunto da escolarização da Literatura, vem-nos ao pensamento, baseados ainda nos estudos de Rildo Cosson, uma crítica bastante refletida no meio educacional literário, que a princípio resgata nosso momento histórico: a inadequação e o apagamento do ensino da Literatura nas escolas.

Ponto de extrema discursão entre os especialistas, principalmente no que envolve Literatura e educação, essas pesquisas apontam uma possível decadência da Literatura escolar: “a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (COSSON, 2016, p.23). Cosson enfatiza a comprovação desse desaparecimento do espaço da Literatura

na escola em vários índices: a ausência de textos literários (pelo menos os fragmentos) nos livros didáticos, substituídos por textos os mais diversos; a recusa da leitura das obras canônicas; a compreensão de que o ensino da Literatura ocupa um lugar indevido na escola porque se trata somente de uma manifestação cultural e entre outros que revelam essa problemática (COSSON, 2017, p.13). E isso se baseia também no uso dos conhecimentos literários somente a partir de conteúdos curriculares, justificando que a Literatura do passado não se mistura com a contemporânea. Concepção essa que nos vem desde a Era Clássica, com o modo de vida e educação dos gregos e que, surpreendentemente, ainda perduram quase que nos mesmos moldes nos dias de hoje.

No que tange ao ensino da Literatura e ao uso de textos literários nos diversos níveis do ensino formal, poderíamos dizer que no Ensino Fundamental há uma preocupação maior com a formação de leitores de textos diversos, relegando, por vezes, a um segundo plano o texto de cunho literário; e no Ensino Médio, quando já há o chamado ensino da Literatura, este acaba por se dar de modo mecânico, sistemático, muito mais preocupado com atender ao sistema curricular, do que com a formação de leitores críticos, reflexivos e verdadeiramente proficientes, criando, assim, uma enorme dissociação da Literatura com a Língua Portuguesa. E é sobre essa questão que pairam as diferentes opiniões no entendimento da Literatura nos dois níveis de ensino.

No Ensino Fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção e poesia. [...]. No Ensino Médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, [...]. Caso o professor resolva fugir a esse programa restrito e ensinar leitura literária, ele tende a recusar os textos canônicos por considerá-los pouco atraentes [...] (COSSON, 2016, p.21).

A partir dessa afirmação de Cosson, vem o debate da ausência do cânone, isto é, da leitura de um conjunto de obras clássicas que antes eram consideradas essenciais ao processo educacional e que hoje acabam sendo descartadas por muitos profissionais da escola, por acharem tais leituras “cansativas” para alunos ou mesmo para figurar como conteúdo da disciplina Literatura. Mais ainda, muitos fragmentos de obras literárias são introduzidos nos livros didáticos como atividade extraclasse ou como mera decodificação de autores, características de escolas literárias e obras. A esse respeito, Tereza Colomer (2007) contribui acrescentando que muitas pesquisas

abordam o interesse maior dos professores pelos textos informativos, acreditando que eles apresentam mais facilidade na compreensão, como se os alunos não fossem capazes de compreender leituras complexas, crença essa que deriva das imposições dos pais, que justificam que os filhos não podem perder tempo: “Então, como agora em tantas regiões pouco alfabetizadas, a literatura foi vista como um luxo supérfluo, algo próprio das elites sociais [...]” (2007, p.35). E de acordo com esse contexto, essa autora destaca uma frase de Gianni Rodari (2007, p.35) segundo a qual declara que “não se ensina literatura para que todos os cidadãos sejam escritores, mas para que nenhum seja escravo”.

Sobre o papel da escola em relação à Literatura, chega-se o resultado de que o espaço literário fica cada vez mais estreito e, conseqüentemente, a ausência dos textos clássicos, bem como nas práticas leitoras das crianças e jovens: “[...] Se a presença da literatura é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como lócus de conhecimentos” (COSSON, 2017, p.15). Da mesma forma, conclui-se que o letramento literário é, sem dúvida, uma prática social, e sendo uma parte essencial da escola, é de suma responsabilidade dela assumir o ensino dessa disciplina adequadamente.

É por esse e outros motivos que a escola precisa se adaptar a essa escolarização. Para isso, ela necessita organizar seus planejamentos no que se refere a como ensinar Literatura, mas principalmente precisa sentir e amar essa disciplina.

Uma das principais maneiras que a escola tem para iniciar essa transformação seria entender para quê e como utilizar adequadamente a chamada leitura literária. De início, seria viável acreditar, não apenas no ato de ler, mas sim em algo além dele, no que poderia proporcionar após a leitura: “[...] apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo do letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas. [...]” (COSSON, 2016, p.26). Nesse sentido a escola necessita apropriar-se, em seu ensino, de duas vertentes, segundo Cosson (2016, p.26) a de que “os livros falam por si mesmos ao leitor”, isto é, precisa-se ensinar aos alunos a exploração total de uma obra, com atividades que levem ao diálogo reflexivo e crítico com o autor; a outra questão a ser destacada, conforme esse autor, é o fato de a leitura

ser um ato solitário e ao mesmo tempo solidário, ou seja, na leitura somos apenas um, mas na interpretação somos vários, daí a necessidade do compartilhamento do outro para um entendimento completo e mais humanizado.

Ainda segundo Cosson (2016, p.27) “Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o do outro”. E é nesse mesmo horizonte, de ir além de uma simples leitura, que se dá a importância do letramento literário na escola. Não obstante, para que isso ocorra, a adequada seleção de textos feita pelos professores é essencial para a formação de leitores conscientes. Mas como escolher textos adequados em meio a tantas leituras literárias? A diferença é a escolha de acordo com o letramento literário, e isso inclui ainda a escolha pelas obras canônicas, mesmo sendo elas muito criticadas na atualidade, como já observamos anteriormente.

A escolha dos textos deve contemplar, como critério, o fato de serem obras utilizadas para um dado uso contemporâneo (obras escritas e publicadas em um determinado tempo), e/ou para fins de atualidade (obras com significado em determinado tempo, seja ele atual ou na época em que foram produzidas). Além dessa, o autor ainda aconselha a escolha de uma diversidade de textos apropriados que trabalhem com a intertextualidade (COSSON, 2016, p.35).

Tereza Colomer (2016, p.149). por sua vez, comenta sobre a diversidade de textos existentes, declarando que “[...] nem todas as obras servem igualmente. Os livros a serem compartilhados devem ser aqueles que ofereçam alguma dificuldade ao leitor para que valha a pena investir neles o escasso tempo escolar. [...]”

Unindo esses conhecimentos e para fazê-los presentes na escolarização, Rildo Cosson (2016) propõe duas sequências ou caminhos a serem utilizados como sugestões ou exemplos por professores e não, porém, como modelos únicos e fechados para as atividades nas aulas de literatura: sequência básica e expandida. Uma proposta inovadora a fim de atender melhor a necessidade da Literatura na escola, contribuindo com o acréscimo dos “interesses textos e contexto da comunidade de leitores” (2016, p.48). Para aproximar os textos literários em sala de aula, é importante seguir três perspectivas metodológicas:

[...] A primeira dessas perspectivas é a técnica bem conhecida da oficina. Sob a máxima do aprender fazendo [...]. A segunda perspectiva é a técnica do andaime [...] está ligada às atividades de reconstrução do

saber literário, que envolvem pesquisas e desenvolvimento de projetos por parte dos alunos. A terceira perspectiva é a do portfólio [...] oferece ao aluno e professor a possibilidade de registrar as diversas atividades [...] (COSSON, 2016, p.48).

Aqui cabe ressaltar que, de forma alguma, há uma imposição dessas sequências, tendo em vista outros sistemas que também podem ser propostos para o letramento literário. Contudo, acreditamos na fidelidade e na intensidade da proposta, para a busca de uma luz no fim do túnel e para a solução do apagamento da Literatura, principalmente nas escolas.

A partir dessa abordagem, queremos sintetizar a possibilidade da existência do letramento literário em outros lugares além da escola. Acabamos de ver a importância da Literatura na educação básica, na escola enquanto o lugar primordial para acontecer o letramento literário, uma vez que o interesse por leitura, por livros e pela Literatura fora do ambiente escolar formal origina-se inclusive do incentivo que é oferecido primordialmente na escola.

Segundo as pesquisas de Cosson (2017), em seu livro “Círculo de Leitura e Letramento Literário”, o devido desaparecimento da Literatura talvez esteja associado à maneira como relacionamos a palavra ao livro. Nessa concepção, não se leva em consideração outros meios, formas e veículos que transmitem sentidos humanizados e artísticos a que a Literatura nos remete. Dessa forma, o autor nos coloca algumas dessas manifestações artísticas, chamadas de avatares, e que revelam a Literatura. Nesse sentido, o mais conhecido é a canção popular, que revela uma forma inovadora e que retrata um processo de transformação cultural. De maneira similar ao dessas canções, está o filme que resgata uma criação literária a partir de enredos e outros elementos.

Ainda com o interesse de mostrar outras dessas manifestações artísticas ou avatares, destacamos a HQC (histórias em quadrinhos), que apresenta caráter literário relacionado à associação de palavras e a imagens, formando narrativas ficcionais. Porém, o mais contemporâneo entre os avatares e o mais prestigiado entre os jovens é a chamada Literatura Eletrônica, aquela que estabelece obras elaboradas com recursos digitais, permitindo a união de imagens e sons, por meio dos recursos de mídias.

Além desses, tidos como os principais, existem muitos outros desses avatares que poderíamos ainda destacar, como séries televisivas, telenovelas e outros que são provenientes de diversas obras literárias ou que geram tais obras, numa espécie de círculo concêntrico em que uma obra abarca ou gera outra obra artística. Cosson (2017, p.19) ainda enfatiza que “Um cenário de jogo de computador pode dar origem a um filme que levará a um romance cujos personagens serão aproveitados em uma série televisa e o tema servirá de inspiração para uma canção popular [...]”

Saindo dos lugares tradicionais e já mencionados para a manifestação da arte literária, podem-se destacar outros atribuídos quase sempre à juventude e que podem servir para várias formas e modalidades artísticas, como a epígrafe em um trabalho universitário ou como os jogos de personificação que envolve obras clássicas, isso tudo sem falarmos de pessoas que se utilizam de romances e poemas para se inspirarem em seu modo de viver, como os góticos (Cosson, 2017).

Aguçando esse conhecimento, o autor nos propõe uma interessante prática formativa de leitores entre grupos de colegas de trabalho, entre estudantes das mais diversas instituições ou simplesmente entre amigos. Porém, seja na escola ou mesmo fora dela (principalmente fora), deve haver a continuidade do incentivo ao gosto pela leitura e pela Literatura.

Conhecidas como círculos de leitura, essas práticas “possuem um caráter formativo, proporcionando uma mensagem coletiva e colaborativa ao ampliar o horizonte interpretativo da leitura individual por meio do compartilhamento das leituras e dos diálogos em torno da obra selecionada [...]” (COSSON, 2017, p.139). É nesse sentido de compartilhamento que Ana Maria Machado (2002 apud COLOMER, 2007, p.152) contribui com a ideia de que “Ler literatura é uma forma de acesso a esse patrimônio, [...]. E nos insere numa família de leitores, com quem podemos trocar ideias e experiências e projetar-nos em direção ao futuro”.

Aqui sintetizamos o nosso contraponto, justificando que a Literatura é, ainda sim, como sempre foi e sempre será o caminho mais seguro para a libertação ideológica da humanidade, e é por toda essa força que ela está presente em todos os lugares, principalmente na escola, instituição essa responsável por internalizar todo esse poder. E por essa capacidade humanizadora é que se tem multiplicado e intensificado os

vastos estudos e pesquisas sobre a Literatura, e por isso buscamos apresentar apenas um aparato desses conhecimentos, apoiados nos estudos de Cosson e Candido, sem deixar de lembrar, porém, a existência de muitos outros estudiosos, pois a Literatura ainda apresenta um leque de possibilidades teóricas ou mesmo práticas e é dessa forma que se constrói o letramento literário. Nessa perspectiva, vale ressaltar a importância da leitura de textos literários bem como as respostas que construímos para ela. Sendo assim, as práticas da sala de aula precisam utilizar o processo de Letramento Literário e não apenas a simples leitura de obras, é o que destacaremos a seguir.

4- PRÁTICAS DE LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO EM DUAS ESCOLAS DE NÍVEL FUNDAMENTAL MAIOR (9ºANO/9)

A PESQUISA: resultados e discussões

4.1. TIPO DE ESTUDO

Para a realização do referido estudo foi utilizado à pesquisa de campo por ser um instrumento essencial para análise de dados que busca trazer informações sobre determinado tema pesquisado. O estudo parte de uma abordagem qualitativa, pois busca aferir a qualidade estética da leitura literária dos alunos que fizeram parte da pesquisa.

4.2. O LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em duas escolas em municípios diferentes, a Escola Municipal de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio Santa Terezinha, localizada no Município de Abaetetuba estado do Pará e na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Ayrton Senna da Silva, localizada no município de Muaná na Ilha de Marajó, Estado do Pará.

4.3. CARACTERIZAÇÃO DOS CAMPOS PESQUISADOS

A Escola Municipal e Estadual Santa Terezinha, está situada no município de Abaetetuba, precisamente na zona rural-ilhas, e é anexa à Escola Estadual Irmã Estela Maria, localizada na zona urbana do município de Abaetetuba. Apresenta uma estrutura de médio porte, com 09 salas de aula, na qual funcionam turmas em dois turnos manhã e tarde, apresentando 12 turmas no total, atendendo todos os níveis de ensino, no regime municipal e estadual. Possui boas condições para o desenvolvimento das atividades escolares, uma vez que apresenta um espaço físico suficiente e adequado, dependências administrativas e de apoio pedagógico, tais como: salas de aulas adequadas e arejadas, banheiros com as três categorias, cantina, refeitório, espaço para recreação, sala de informática (sem funcionamento no momento), sala de leitura, biblioteca e secretária entre outros. Apresenta também o quadro de recursos materiais (dispositivos eletrônicos, tecnológicos, etc.) e recursos humanos completos e

suficientes para atender a sua clientela, apenas com exceção da ausência do coordenador pedagógico, responsáveis pela biblioteca e sala de informática.

Em relação ao planejamento, a escola possui o Planejamento Político Pedagógico (PPP) que está em processo de construção. Quanto à biblioteca, sala de leitura e sala de informática, a escola possui, porém, estão sem funcionamento adequado. A biblioteca funciona apenas como depósito de livros didáticos, sem acesso dos alunos. A sala de leitura é utilizada para atividade de reforço escolar. Já a sala de informática não é usada para fins escolar, no entanto funcionou por certo tempo através de uma empresa particular que oferecia cursos de informática.

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Ayrton Senna da Silva está localizada no Alto Rio Atué – Sítio Lisboa, município de Muaná – Ilha de Marajó. Funciona em prédio próprio de alvenaria. Tem uma estrutura física composta de cinco salas de aula, das quais somente uma tem tamanho padrão para receber os alunos, já as demais salas não possuem tamanho apropriado o que deixa tanto o professor quanto os alunos sem espaço para poderem circular dentro das mesmas. Além das cinco salas, a referida escola possui uma sala que ao mesmo tempo serve como secretária, sala de professores, depósito de material de limpeza, depósito de merenda escolar, livros didáticos e livros de leitura. Possui dois banheiros simples sem água encanada para uso de descarga, a cozinha deu lugar justamente à sala da coordenação e atualmente funciona em uma antiga casa dos professores que foi adaptada para abrigar a cozinha e até mesmo em várias situações já serviu de sala de aula.

A escola não possui biblioteca, sala de leitura e nem laboratório de informática. Funciona em dois turnos manhã e tarde atendendo em quatro níveis: Educação Infantil, Ensino fundamental Menor, Ensino Fundamental Maior e Ensino Médio. Sendo uma turma de Educação Infantil Educação Infantil Jardim I e II, quatro turmas de Ensino Fundamental Menor, uma turma de 1º e 2º ano (multiserie), uma turma de 3º ano, uma turma de 4º ano, uma turma de 5º ano e quatro turmas de Ensino Fundamental Maior, uma turma de 6º ano, uma turma de 7º ano, uma turma de 8º ano e uma turma de 9º ano.

O Ensino Médio apesar de funcionar nas dependências da escola com três turmas, uma turma de 1º ano, uma turma de 2º ano, uma turma de 3º ano, pelo Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME), são turmas anexas a Escola Estadual Dr. Sérgio Mota, situada na sede do município, a cidade de Muaná.

4.4. OS ATORES DA PESQUISA

Os atores sociais da pesquisa foram alunos de duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental Maior. Uma turma da Escola Municipal de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio Santa Terezinha, região das ilhas de Abaetetuba e uma turma da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Ayrton Senna da Silva, zona rural do município de Muaná.

4.5. A COLETA DOS DADOS

A coleta dos dados se deu por meio da aplicação de uma proposta didática aplicada nas duas turmas de 9º ano das escolas que fizeram parte da pesquisa.

4.6. DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICA

A proposta didática que serviu de material de análise nesta seção foi desenvolvida em duas escolas situadas em dois municípios distintos, a Escola Santa Terezinha no município de Abaetetuba e a Escola Ayrton Senna da Silva no município de Muaná. Uma característica comum para ambas às escolas é que estão localizadas em zonas ribeirinhas desses dois municípios.

Para a aplicação da proposta didática foram usados os textos “Acauã” e a “A feiticeira”.

Contos que fazem parte do livro “Contos Amazônicos” do escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa que nasceu em 28 de dezembro de 1853, em Óbidos, no Pará. Filho do desembargador Marcos Antônio Rodrigues de Sousa e de dona Henriqueta Amália de Góis Brito Inglês, uma família bastante tradicional, na época, no Estado. Inglês de Sousa inicia seus estudos ainda no Pará, mas em 1864 vai para o Maranhão completá-los no colégio Sotero dos Reis. Em 1867 se muda para o Rio de Janeiro para fazer o ensino secundário no Colégio Perseverança. Em 1870,

Inglês se muda novamente, mas desta vez para Recife, onde se matricula em uma faculdade de Direito. Pouco depois, faz sua última visita aos pais, na Amazônia. Em 1875, quando estava no quarto ano de faculdade, Inglês escreve seu primeiro conto “O Cacaulista” que seria publicado somente em Santos, lugar que Inglês havia escolhido para terminar a faculdade. Inglês de Sousa funda jornais e revistas, torna-se secretário da Relação de São Paulo, elabora o projeto de criação da Escola Normal e é eleito, em 1881, presidente (atualmente chamado de governador) de Sergipe e, posteriormente, do Espírito Santo, em 1882. Em 1902, participa da fundação da Academia Brasileira de Letras e no mesmo ano torna-se diretor da faculdade em que lecionava.

A proposta didática aplicada segue a proposta desenvolvida por Rildo Cosson intitulada “Sequencia básica” que tem como principal característica o curto espaço de tempo para sua aplicação, porém com objetivos bem definidos. A proposta de Rildo Cosson está dividida em quatro passos.

No primeiro passo denominado “Motivação”, o professor deve preparar o aluno antes de entrar em contato com os textos, sendo que uma boa motivação deve estar bem relacionada com o(s) texto(s), sendo que segundo Cosson (2016 p. 54) “O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação”. Na motivação presente na sequência básica aplicada nas escolas serão abordados os temas: religiosidade, sobrenatural, obediência e respeito.

No segundo passo denominado de “Introdução”, é apresentado o autor e a obra que será trabalhada na sequência, o que deve ser feito de modo breve, ou seja, deve conter informações básicas que de preferência estejam ligadas ao texto que será trabalhado. Cosson (2016 p. 61) diz que “é preciso que o professor tenha sempre em mente que a introdução não pode se estender muito, uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de uma maneira bem positiva”. Neste passo será apresentada aos alunos uma breve biografia do escritor inglês de Sousa, a escola literária da qual fez parte, o Naturalismo, com suas respectivas características e o gênero narrativo “conto” e suas características.

No terceiro passo denominado “Leitura” neste passo será iniciada a leitura do texto (s) literário, onde o professor deve acompanhar todos os passos do processo de leitura para poder identificar junto ao aluno as dificuldades enfrentadas no momento da

leitura, para que possa fazer as intervenções eficientes ajudando os alunos na formação de leitores, neste passo Cosson (2016 p. 64) afirma que “Ao acompanhar a leitura dos alunos por meio de intervalos o professor poderá ajudá-lo a resolver ou, pelo menos, equacionar questões que vão desde a interação com o texto... até o ritmo de leitura”. Neste passo os alunos realizarão a leitura dos contos “Acauã” e “A feiticeira”, sendo que os alunos poderão escolher um dos contos para iniciar a leitura em sala de aula e o outro conto será lido fora do ambiente escolar.

E por último o quarto passo que é a “Interpretação” que na proposta de sequência básica está dividida em dois momentos, interior e exterior, para que o aluno perceba que todos os momentos que foram propostos na sequência, neste passo irão se relacionar de modo a se concretizar com o ato de interpretação. Neste passo serão realizadas atividades de interpretação e compreensão textual, oral e escrita, dos textos lidos pelos alunos.

4.7. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE POR ESCOLA

Aqui serão expostos os dados da análise realizada a partir do desenvolvimento da proposta didática realizada nas escolas. As escolas nesta análise foram denominadas: Escolas A e escola B.

Escola A

Ao analisarmos a sequência da proposta realizada na turma, pudemos observar e detectar alunos que conhecem e vivenciam o contexto das leituras literárias, uma vez que são incentivados, em sala de aula, por metodologias referentes ao mundo literário, ponto esse positivo para iniciar o processo de letramento literário. O aluno é preparado para a vida, começa a reconhecer a relação entre a vida e a literatura.

Na fase referente à MOTIVAÇÃO, os alunos, de início, ficaram indiferentes ao contexto da proposta. Contudo, com o passar das aulas, as estratégias aplicadas e o desenvolvimento da turma, os alunos passaram a interagir com mais animação aos passos do projeto e conseqüentemente, sentiram-se mais preparados para enfrentar as leituras literárias.

Na fase de INTRODUÇÃO, foram apresentados aos alunos os contos “Acauã” e “A feiticeira”, bem como a biografia do autor Inglês de Sousa e o período literário a que pertence: o Naturalismo. Nesse momento, os alunos ficaram ansiosos e curiosos em descobrir mais detalhes das obras sem antes mesmo lerem.

“[...] a leitura do texto literário, como já observamos antes, é uma experiência única e, como tal, não pode ser vivida vicariamente” (COSSON, 2016, p.63). A partir dessa citação, a fase de LEITURA das obras ocorreu por meio de leituras silenciosas e coletivas, seguido de socializações a partir de recursos visuais. Momento bastante satisfatório pelos alunos, pois ficaram encantados com a referência que a temática das obras se associam com suas realidades.

A última fase da sequência a INTERPRETAÇÃO, foi desenvolvida por meio de atividades orais e escrita que possibilitou a compreensão do texto, isto é, aquilo que o texto quer realmente transmitir. Cosson (2016) já dizia que a “a interpretação parte do entretecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar a construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, texto e comunidade (COSSON, 2016, p.64). Dessa forma, os alunos sentiram-se desafiados a se envolverem por completo com os sentidos do texto, realizando atividades para seu entendimento e para questões sociais.

Enfim, conclui-se que nas realizações da proposta, constataram-se alunos interessados e criativos nas leituras e atividades selecionados. Porém, houve uma minoria que não apresentou interesse nas aulas. Os desenvolvimentos dos alunos em relação à leitura e a escrita não foram perfeitos, mas significativos para o resultado positivo. Isso ocorreu devido os alunos serem incentivados a realizar leituras e produções orais e escritas, principalmente, literários. Por isso, nesse ambiente escolar, observou-se ponto positivo para o ensino da literatura.

Escola B

Os alunos que participaram da pesquisa ao iniciarem as atividades demonstraram de início um pouco de desinteresse e questionados o porquê alegaram que a leitura de textos extensos é muito cansativa e que se tratando de texto literário apresentam pouca intimidade com a literatura.

Na fase de Motivação os alunos questionaram sobre os temas abordados e qual relação deles com os textos que seriam lidos, porém ao serem questionados sobre o ponto de vista de cada tema demonstraram pouca vontade em se aprofundar no assunto.

Na fase de Introdução os alunos conheceram um pouco da vida e obra de Inglês de Sousa autor dos contos que seriam lidos mais adiante. Também conheceram a escola literária da qual inglês de Sousa fez parte, como suas respectivas e gênero literário “conto”. Neste momento os alunos demonstraram um pouco mais de interesse em comparação com a fase de motivação, pois argumentaram que era interessante aprender sobre a vida do autor. Em relação ao Naturalismo nunca tinham ouvido falar por isso ficaram e nem que fazia parte da literatura. Sobre o gênero “Conto” já leram muitos contos, principalmente contos de fadas no caso das meninas e contos de terror segundo os meninos.

Na fase de Leitura foram apresentados aos alunos os contos que seriam lidos “Acauã” e “A feiticeira” os quais foram distribuídos uma cópia para cada aluno. Foi proposto para que fosse escolhido um dos contos para ser lido em sala de aula e outro conto seria lido em casa ou em qualquer ambiente fora da escola. Antes de iniciarem a leitura os alunos falaram que os contos eram muito extensos e a leitura iria demorar. Porém ao começarem a leitura os alunos demonstraram interesse, tanto que foi um silêncio total na turma e ao final da leitura falaram que gostaram, apesar da extensão dos contos e que estavam ansiosos para ler o outro.

A última fase, a Interpretação, foi dividida em duas partes na primeira foi realizada uma interpretação oral dos contos lidos fazendo a relação entre os dois e os temas da fase de motivação. Alguns alunos neste momento ainda não tinham relacionado os temas da fase de motivação com os contos o que só foi possível a partir dos questionamentos que foram levantados no decorrer de uma releitura feita na sala de aula. Na segunda parte da interpretação foram desenvolvidas atividades relacionadas à fase de Motivação, a fase de Introdução e a fase de Leitura e também foi realizada uma atividade escrita com o gênero textual “carta do leitor” na qual os alunos produziram uma carta ao escritor Inglês de Sousa. Carta que serviu para verificar tanto a leitura quanto a escrita. E o que foi observado que apesar de se tratar de um gênero textual, alguns alunos apresentaram muitas dificuldades em desenvolver

a carta associando a ela um dos temas da fase de motivação ou das características do Naturalismo que estivesse presente nos contos.

4.8. ANÁLISE DOS DADOS

Foi realizada uma atividade de produção textual, carta do leitor, direcionada ao escritor dos contos “Acauã” e “A feiticeira”. A atividade tem como objetivo observar e avaliar a produção escrita e a leitura dos alunos como também o comportamento durante a produção textual.

A atividade foi entregue para os alunos e explicada como seria desenvolvida. A seguir veremos a produção de dois alunos, um aluno da escola A e um aluno da escola B.

Aluno da escola A

Produza uma carta do leitor direcionada ao escritor dos contos “Acauã” e “A feiticeira” destacando um dos conceitos trabalhados na fase de motivação ou do naturalismo. Nesta carta você poderá elogiar, fazer uma crítica, ou agradecer o autor.

Rio Furo Grande, 20 de outubro 2017.

Ao senhor Inglês de Sousa

Gostaria de pela inspiração que o senhor teve ao escrever os contos “Acauã e A feiticeira”. Os contos para mim foram muito significativos, pois abordam vários temas que estão em constante debate, porém o que mais me chamou a atenção foi à forma que o senhor abordou o tema sobrenatural, tema que sempre desperta a curiosidade das pessoas e comigo não foi diferente gostei muito do ar de suspense que antecede os fatos narrados por você do desconhecido, ou seja, aquilo que não podemos explicar apenas ficar imaginando procurando respostas. E se tiver oportunidade vou ler os demais contos do seu livro que devem ser bons como os contos que li.

L. S. N. aluna do 9º ano do ensino fundamental.

O aluno da escola A conseguiu alcançar os objetivos da atividade, fazendo uma boa produção escrita. Tem domínio da norma padrão da língua portuguesa o que facilita o desenvolvimento de escrita da atividade, não apresenta erros de ortografia, nem de concordância nominal e verbal e também não apresenta problemas de coesão e coerência. Compreendeu a proposta e finalidade de produção do gênero textual carta do leitor.

Aluno da escola B

Produza uma carta do leitor direcionada ao escritor dos contos “Acauã” e “A feiticeira” destacando um dos conceitos trabalhados na fase de motivação ou do naturalismo. Nesta carta você poderá elogiar, fazer uma crítica, ou agradecer o autor.

Alto Rio Atua, 08 de novembro de 2017.

Ao senhor Inglês de Sousa

Eu Diele de Nazaré gostaria de agradecer o autor foi muito importante a sua narrativa sobre o conto acauã, e a feiticeira e a sua animalização foi muito nos contos parabéns.

D. L. S. Aluna do 9º ano do Ensino Fundamental

O aluno da escola B não conseguiu desenvolver a atividade conforme foi proposto, apesar de se tratar de um gênero textual de fácil produção o aluno apresenta dificuldade em desenvolver sua escrita, realizando uma produção mínima de três linhas. Apresenta também falta de coerência. O aluno não conseguiu falar o porquê de ter gostado do tema animalização presente nos contos que foram lidos. Dessa forma o aluno não conseguiu alcançar o objetivo proposto para a atividade em questão.

A atividade foi proposta para avaliar a leitura e a escrita dos alunos por meio da produção textual do gênero textual carta do leitor como o também avaliar se os alunos conseguiram compreender o que foi proposto durante os momentos de motivação e introdução da sequência que foi desenvolvida. Fazendo uma breve comparação entre

as duas escolas foram constatados pontos positivos e negativos relacionados ao uso da literatura como fonte de conhecimento. Na escola A, os alunos já são incentivados a vivenciar a literatura em suas vidas, levando-os a despertar maior interesse pelas leituras literárias dentro e fora da escola, dessa forma fica implícito o positivo trabalho desenvolvido com a literatura no ambiente escolar, destacando a dedicação do docente em fazer a literatura fluir livremente. Diante disso, observasse alunos habituados com o mundo literário. Enquanto que na escola B os alunos apesar de todo o esforço direcionado na aplicação da proposta os alunos em sua maioria não conseguiram associar o que a literatura pode proporcionar dentro do processo de educação e em vista disso se torna necessário um maior esforço em relação à leitura de textos literários. O que ficou evidente foi que a literatura está no ambiente escolar apenas por meio de textos fragmentados junto ao livro didático deixando os alunos fora do contato com obras literárias completas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término dessa pesquisa, percebemos que nas turmas de 9º ano nas escolas de Abaetetuba e de Muaná, o letramento literário ocorreu de forma distinta, com resultados favoráveis e desfavoráveis a respeito da escolarização da literatura. Essas questões aconteceram devido à realidade das escolas em relação a diversos aspectos sociais, estruturais e metodológicos destacados com frequências na educação brasileira.

Na escola do município de Abaetetuba, na turma selecionada, já está dando seus primeiros passos a caminho do letramento literário, a valorização da literatura já acontece nos cotidianos escolares, uma vez que o docente da turma apresenta projetos e metodologias a respeito dos textos literários. Assim, há um começo de integração entre língua e literatura e isso acrescentou positivamente a proposta da intervenção, fazendo com que muitos alunos aderissem com mais facilidade a leitura e socialização das obras, porém essa positividade não aconteceu em princípio, foi normalizada gradativamente nas aulas por meio de estratégias de leitura planejadas na sequência.

Já na escola do município de Muaná, na turma selecionada, apresentou um déficit, mesmo usando estratégias de leitura, quanto à utilização e leitura das obras literárias, isso se dá devido o docente apresentar metodologias muito tradicionais, deixando, então de lado a literatura nas aulas. Dessa forma, a proposta aplicada não apresentou um resultado positivo em relação ao letramento literário, à literatura ainda não é valorizada. Sendo assim, os alunos demonstraram desinteresse pela leitura dos textos literários, questionando extensividades dos textos, sem ao menos terem a curiosidade de saber o que tem por trás de uma leitura. A partir dessa situação, foram abordadas estratégias que amenizassem a situação. Foram realizadas socializações dentro e fora da escola, intertextualidade e atividades motivadoras.

Dessa forma, concluímos que o processo de letramento literário contribui bastante para a escolarização da Literatura e na formação de leitura e de escrita dos alunos. Contudo, a sequência básica de Rildo Cosson, usada na investigação deste estudo, não ocorreu integralmente como o esperado, uma vez que a realidade das

turmas e das escolas não conseguiu acompanhar por completo os princípios teóricos e metodológicos da proposta.

A partir dos indícios de nossa pesquisa nas reflexões teóricas e nas propostas apresentadas, espera-se que o ensino da Literatura aos poucos se efetive nas escolas básicas e em meio a isso tudo implique em alunos mais envolvidos e motivados a realizar leituras literárias. Para essa concretização, é necessária a ampliação desses temas nas formações continuadas e no nível superior, a fim de minimizar as barreiras do ensino tradicional e ampliar os horizontes do letramento literário. Enfim, é de grande responsabilidade, nós docentes e estudantes de Língua Portuguesa, agarramos com intensidade esse conhecimento na intencionalidade de contribuir com a qualidade da educação brasileira e da formação de leitores.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; MORAIS, Artur Gomes de; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. **A relação entre alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos**. In: LEAL, Telma Ferrais; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; MORAIS, Artur Gomes de (Orgs.). *Alfabetizar letrando na EJA: Fundamentos teóricos e propostas didáticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.13-24.

BARBOSA, Maria Lucia Ferreira de Figueiredo. **Práticas de leitura no ensino fundamental**. Belo Horizonte : Autêntica, 2006.

BARBOSA, João Alexandre. **Literatura nunca é apenas Literatura**. In: *Linguagem e linguagens (série Ideais, nº 17)*. São Paulo: FTD, 1994.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/Secretária de Educação Fundamental**. Brasília: 1997, p.37.

BOSI, Alfredo. A condição colonial. In: _____. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p.11-26.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de teoria e história. 8ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à Literatura**. In: _____. *Vários Escritores*. 3ª ed. São Paulo: Duas cidades, 1988. p. 169-191.

CASTRO, Manuel Antônio de. **Natureza do Fenômeno Literatura**. In: SAMUEL, Rogel et. al.(Orgs). *Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 1984. p.33-36.

COLOMER, Tereza. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. Tradução de Luana Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª ed., 6ª impressão. São Paulo: Contexto, 2016.

DE PIETRI, Émerson. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro : Lucerna, 2007.

FERNANDES, Elisângela. **INAF: cai analfabetismo no país, mas desafio ainda é gigante**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteúdo/2784/inaf-cai-analfabetismo-no-país-mas-desafio-ainda-é-gigante/> Acesso em: 02 de janeiro de 2018.

JUNG, Neiva Maria. **Letramento: uma concepção de leitura e escrita como prática social**. In: CORREA, Djane Antonucci, et. al. (org.). Práticas de Letramento no ensino: leitura, escrita e discurso. São Paulo: Parábola, 2007.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. 17ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1995. Coleção primeiros 53 passos.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização**: as muitas facetas. In: Revista Brasileira de Educação (trabalho apresentado no GT alfabetização, leitura e escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPEd). Minas Gerais: ANPEd, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. 1ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

ANEXOS



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA-
PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

PLANO DE DOCÊNCIA – ESTÁGIO

NOME DA ESCOLA	E. F. M SANTA TEREZINHA E. M. E. I. F. AYRTON SENNA DA SILVA.		
NOME DO(s) ESTAGIÁRIO(s)	Daiany Costa Bentes. Luthy de Paula Valente.		
SÉRIE: 9º ano	TURMA:	NÍVEL FUNDAMENTAL (x) () MÉDIO	Nº DE AULAS: 12

CONTEÚDO

Conto
Conto de Inglês de Souza: “Acauã” e “A feiticeira”
Carta do leitor

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL	Estudar os elementos literários do naturalismo nos contos de Inglês de Souza “Acauã” e “A feiticeira”
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	- Definir o conceito de conto e o conto de Inglês de Souza “Acauã” e “A feiticeira” dentro do estilo naturalismo brasileiro. - A caracterização dos elementos literários do naturalismo no conto de Inglês de Souza “Acauã” e “A feiticeira” - Levar o aluno a produzir uma carta do leitor a cerca dos contos de Inglês de Souza por meio do processo de escrita e reescrita do texto.

PROCEDIMENTOS DE ENSINO (ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS)

Primeiro momento: dialogar com os alunos a respeito de temas como: religiosidade, sobrenatural, obediência e respeito. Por meio da oralidade. Fazer uma pesquisa em dicionário dos temas.

Segundo momento: fazer um breve resumo da vida e obra de Inglês de Souza identificando a escola literária do qual Inglês de Souza fez parte, o naturalismo.

Apresentar os elementos literários do naturalismo, apresentar as principais características dessa escola literária.

Estudo do gênero conto e suas características.

Apresentar para os alunos os contos de Inglês de Souza “Acauã” e “A feiticeira”, e a obra na qual os dois estão inseridos “Contos amazônicos” explicitando que estes contos serão lidos pelos alunos.

Terceiro momento: iniciar a leitura dos contos “Acauã” e “A feiticeira”

Quarto momento: após a realização da primeira leitura dos contos será feita uma primeira interpretação dos contos, interpretação oral, na qual os alunos irão relacionar os contos para saber o que os dois apresentam e comum. Relacionar a interpretação oral feita do texto com o que foi discutido na primeira aula, questionando de que forma os temas: o sobrenatural, obediência e respeito, se apresentam nos contos que foram lidos. Interpretação dos contos que foram lidos

Quinto momento: apresentar o gênero textual carta do leitor em seguida produzir uma carta do leitor.

Sexto momento: revisão e reescrita da carta do leitor produzida pelos alunos.

RECURSOS

Quadro branco, pincel para quadro branco, computador, Datashow, livro “Contos amazônicos”, contos “Acauã” e “A Feiticeira” impressos, caderno, caneta, lápis.

PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO

Atividade 01- Nesta atividade será avaliado o que o aluno aprendeu sobre o naturalismo, suas características, por meio da primeira atividade.

Atividade 02- Nesta atividade será avaliado o que o aluno aprendeu sobre o gênero conto e suas características. E os contos de Inglês de Souza, por meio da segunda atividade, onde o aluno irá fazer o resumo dos contos.

Atividade 03- nesta atividade será avaliada a habilidade de leitura do aluno, como a decodificação, a compreensão, a interpretação e a retenção de informações presentes nos contos.

Atividade 04- Nesta atividade será avaliada a escrita do aluno por meio da produção individual de uma carta do leitor.

Atividade 05 – Nesta atividade será avaliada a escrita do aluno por meio de sua própria produção, ou seja, a reescrita da carta do leitor.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p 107 – 122.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e pratica**. 2. ed. São Paulo: 2016.

LEFFA, Vilson J. **Produções de materiais de ensino: práticas e teoria**. Pelotas: Educat, 2008.

GASPAROTO, Denise Moreira & MENEGASSI, Renilson José. **A mediação do professor na revisão e reescrita de textos do aluno do Ensino Médio**. Calidoscópio, Vol.11, nº1, jan/abr, 2013, p. 29-43.

MENEGASSI, Renilson José. **Perguntas de leitura**. In: ____ (org.) **Leitura e ensino**. Maringá — PR: EUDEM, 2005, p 167 – 190.

SUASSUNA, Livia; NOBREGA, Faílton. **E como anda o ensino de literatura brasileira? Um estudo de praticas nos níveis fundamental e médio**. Revista Desenredo, v. 9, n. 1, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Planejamento de textos para a sua produção**. In: COECHO, Fábio André, e PALOMANES, Roza. **Ensino de Produção Textual**. São

Paulo: Contexto, 2016, p. 87 – 108.

CRONOGRAMA PARA O DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

DATA	CONTEÚDO	RECURSOS	CH
	Dialogar a respeito dos temas: sobrenatural, obediência e respeito.	Dicionário	1 HORA / AULA
	Vida e obra do escritor Inglês de Souza, a escola literária naturalismo e suas características.	Datashow, slide.	1 HORA / AULA
	Conto e suas características, os contos “Acauã” e “A feiticeira” de Inglês de Souza. Leitura dos contos.	Material impresso	2 HORAS / AULAS
	Interpretação dos contos	Contos e questionários a respeito dos contos	2 HORAS / AULAS
	Apresentar o gênero textual carta do leitor em seguida produzir uma carta do leitor.	Produção do aluno	2 HORAS / AULAS
	Revisão e reescrita.	Produção do aluno	2 HORAS / AULAS

Obs.: Anexar todo o material utilizado no estágio.

Atividade -1

Identifique nos contos “Acauã” e “A feiticeira” elementos característicos do naturalismo. Justifique sua resposta com passagens retiradas dos contos.

Atividade – 2

Faça o resumo dos contos “Acauã” e “A feiticeira” de Inglês de Sousa que contenha os seguintes elementos: os personagens, o espaço, o tempo, o foco narrativo, o enredo e o clímax.

Atividade – 3

Atividade de leitura do conto “Acauã”.

- 1- Por que o título do conto de é “Acauã”?
- 2- Vitória filha adotiva do capitão Jerônimo Ferreira, no decorrer do conto passa a ter um comportamento estranho, o que leva a moça a ter esse tipo de comportamento?
- 3- Ao sair para caçar o capitão Jerônimo Ferreira passa por momentos de tensão, Segundo o conto a que fator (es) se deve isso?
- 4- O pássaro acauã não é visto como um pássaro comum pelo povo de Faro, que motivo leva o povo a ter essa visão obre o pássaro?
- 5- Que outro título você daria ao conto “Acauã”.
- 6- Como você observa a religiosidade presente no conto “acauã” de Inglês de Sousa? E como esta influencia a vida das pessoas do povoado de Faro?

Atividade de leitura do conto “A feiticeira”.

- 1- Em “A feiticeira”, temos um narrador, o velho Estêvão, que:
 - a) Acredita nos mitos e se incomoda com o fato de o tenente Antônio de Sousa não acreditar em nada.
 - b) Mantém-se imparcial, não interferindo, portanto, no fato de os personagens acreditarem ou não em mitos e lendas.
 - c) Zomba das coisas, ri dos santos e dos milagres e jura ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemitério.

d) É totalmente cético, por isso desmistifica, ao final do conto, personagens como a Maria Mucoim.

2- Qual a diferença entre o narrador, o velho Estevão, e o tenente Antônio de Souza, em relação às crendices apresentadas no conto?

3- No conto segundo o narrador o que pode ter levado o tenente Antônio de Souza a não acreditar em coisas sobrenaturais?

4- No final do conto, o narrador o velho Estevão é interrompido por uma gargalhada do Dr Silveira. Qual seria a sua interpretação para essa gargalhada?

5- E você! Acredita em coisas sobrenaturais, conforme o conceito literário do conto? Justifique sua resposta.

Atividade – 4

Produza uma carta do leitor direcionada ao escritor dos contos “Acauã” e “A feiticeira” destacando um dos conceitos trabalhados na fase de motivação ou do naturalismo. Nesta carta você poderá elogiar, fazer uma crítica, ou agradecer o autor.

Atividade - 5

Reescreva a carta produzida para o escritor dos contos “Acauã” e “A feiticeira”, fazendo os ajustes necessários, indicados pelo professor.